

“VOLTA, MUNDO BLOGUEIRO”: UMA ANÁLISE SOBRE A MILITÂNCIA VIRTUAL E SEUS DESDOBRAMENTOS*

Tânia Maria de Oliveira Gomes - Universidade Federal de Minas Gerais (CAPES/DS).

RESUMO: Este estudo tem como finalidade edificar, a partir do entrecruzamento entre a Linguagem e a Tecnologia *online*, uma análise cujos objetivos buscam investigar: (1) os prováveis motivos que desencadearam o movimento “Volta, Mundo Blogueiro”, divulgado pela *hashtag* homônima e (2) as consequências oriundas de tal manifestação, no ambiente digital. Portanto, foram coletadas três postagens do *blog*, intitulado com o mesmo lema da manifestação, com o intuito de dar ensejo a tais questões. Em síntese, à luz dos trabalhos de Bakhtin (2003), Marcuschi (2005), Komesu (2005), Di Luccio e Costa (2010) e Maingueneau (2010), orientados por uma metodologia de cunho qualitativo, testificou-se o engajamento incorporado por tais publicações, que se valem do espaço cibernético, como palanque para a propagação de suas ideias, estas, grosso modo, situadas na contramão da corrente virtual.

PALAVRAS-CHAVE: *Blogs*. Linguagem. Tecnologia.

INTRODUÇÃO

Há, na hodiernidade, um contingente exponencial de artigos, dissertações e teses que se debruçam sobre o *blog*, gênero dissecado nas mais distintas áreas de conhecimento, mormente, no âmbito da Linguagem e da Tecnologia, no qual se instaura este trabalho. Diante dessa assertiva, o estudo, que aqui se soleva, não tem outro sentido, senão o de cumprir tal sina contemporânea, contudo, acredita-se que tal fado pode se materializar de forma própria. Pensando nisso, entre tantas produções sobre a mesma temática, procurou-se buscar uma vereda, em tal conteúdo, pouco abordada ou sem o devido crédito no universo científico. Cabe esclarecer que não se pode negar que haja trabalhos que abarquem o objeto focalizado nestas laudas, entretanto, estes não chegaram, ainda, ao conhecimento da autora que neste espaço se coloca, a despeito da procura prévia e sistemática realizada. Desse modo, na pesquisa por um suporte teórico e por um material de exame, dois elementos tomaram contornos mais nítidos: o primeiro, concretizou-se em forma de tese, nomeada *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet*, de autoria de Fabiana Cristina Komesu (2005), e o segundo, materializou-se sob o talhe de um *blog*, denominado como “Volta, Mundo Blogueiro”. Embora o espólio produzido por Komesu (2005) não explore, agudamente, a relação entre os *blogs* e as manifestações pelo retorno da blogosfera de origem, a tese, em comento, tangencia e adianta uma série de problemáticas caras a este artigo, como aquelas que abordam a dicotomia entre o *blog versus* diário, substancializadas no pequeno *corpus* em questão.

Ainda sobre o referencial teórico, Bakhtin (2003) oferece o suporte para analisar o que se toma como gênero, Marcuschi (2005) fornece subsídios para se compreender o que se entende por *blog*, bem como Di Luccio e Costa (2010) que, a exemplo de Komesu (2005), produzem conhecimento acerca de tal produção genérica. Nesse caminho, Maingueneau (2010) contrapõe a escrita virtual e a literária, provocando elucubrações positivas entre os encontros e desencontros dessas duas esferas. Esse grupo seletivo de autores compõe o arcabouço deste estudo, visando ao exame de três publicações específicas, veiculadas no *blog*

* XIII EVIDOSOL e X CILTEC-Online - junho/2016 - <http://evidosol.textolivre.org>

supracitado. A contemplação científica, direcionada à tríade sobredita, objetiva refletir sobre: (1) os prováveis motivos que desencadearam o movimento “Volta, Mundo Blogueiro” e (2) as consequências oriundas de tal manifestação. Para efetivar tais propósitos, este artigo dá início a um deslindamento a respeito dos gêneros, seguido de uma investigação em relação aos *blogs*, passando, então, para a análise, propriamente dita, do material coletado e, na sequência, para os apontamentos finais correlatos à leitura do todo discursivo produzido, neste exercício acadêmico. Dito isto, os próximos parágrafos cumprem essa rota.

Inaugurando esta trajetória teórica, retomam-se as contribuições bakhtinianas, por estas gozarem de notoriedade incontestável, nos estudos sobre a Linguagem. O filósofo russo é categórico ao conceituar que o “emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”, os quais “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2003, p.261). O autor vai além e esclarece:

Todos esses três elementos - o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciado, os quais denominamos *gêneros do discurso* (BAKHTIN, 2003, p.261-262, grifos do autor).

Bakhtin (2003) define, portanto, os gêneros do discurso como esses tipos relativamente estáveis de enunciados que circulam na sociedade, sendo operados de forma profícua, e até instintiva, pelos sujeitos languageiros. A plasticidade com que se dá a produção dos gêneros discursivos é retomada por Marcuschi (2005) que atrela tal aspecto aos falares contemporâneos, sobretudo às novas tecnologias, como se vê:

Os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Contudo, sequer se consolidaram, esses gêneros eletrônicos já provocam polêmicas quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social. Isso porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som (MARCUSCHI, 2005, p.13).

Os *blogs* são, por conseguinte, gêneros discursivos, no sentido bakhtiniano, emergentes, no olhar marcuschiano, que polemizam desde a sua formação e que provocam impactos na dinâmica cotidiana que rege as interações sociais. No rasto desse gênero, Di Luccio e Costa (2010, p.136) discorrem sobre suas especificidades, definindo seu traçado, desde sua origem, como se constata: “[...] o termo *weblog*, posteriormente reduzido para *blog*, foi criado por John Barger, editor do *site Robot Wisdom*, em 1997, [para este autor] um *weblog* é uma página da *web* onde um *weblogger*, também chamado de *blogger (blogueiro)*, *logs*, registra [...]” suas produções escritas e imagéticas. Dando sequência, as pesquisadoras complementam:

Os principais recursos utilizados nos *blogs* são os *posts*, textos que podem ser alterados, apagados, atualizados, etc. com a frequência que o autor desejar. Os *posts* podem incluir *links* para outras páginas da *web* ou para outros *blogs*. Novos *posts* são acrescentados no topo da página. Abaixo ou acima do *post*, podemos encontrar a data e a hora de sua publicação. Dessa forma, os leitores podem acompanhar o *blog*

lendo as publicações em ordem cronologicamente inversa. Outro recurso quase sempre presente nos *blogs* é a caixa de diálogos, por meio da qual os leitores podem enviar seus comentários para o escritor (DI LUCCIO; COSTA, 2010, p.136).

Em suma, os *blogs* funcionam como um espaço de troca virtual cujos conteúdos temáticos podem ser das mais diversas espécies. O estilo verbal, mormente, despojado e coloquial, instaura-se por meio dos *posts*, ou publicações, que obedecem às mais distintas construções composicionais. A instabilidade, quanto aos padrões discursivos, dá vazão à criatividade daqueles que dos *blogs* se servem. A interação, nesse terreno digital, dá-se, então, através do contato, mediado pelo computador, entre blogueiro/blogueira e seus leitores/leitoras que atuam de forma responsiva. Nesse quadro, a volatilidade parece ser o elemento que conduz a dinâmica virtual, a mudança, a atualização parecem comandar o que deve e o que não deve ser postado. É precisamente, nesse interregno, entre o que dizer e o que silenciar que se situa o *blog* “Volta, mundo blogueiro”, foco da análise para a qual se segue.

DESENVOLVIMENTO

De acordo com Di Luccio e Costa (2010, p.136), “no Brasil, os *blogs* começaram a se difundir entre os anos 2000 e 2001”, período no qual eclodiram tais produções, como confirmam as estudiosas, neste excerto: “embora, não disponhamos de números, sabemos que, entre nós, sua disseminação foi tão veloz e contínua quanto no resto do mundo. Essa disseminação, por sua vez, abriu espaço para o surgimento de *blogs* dedicados a outros gêneros de escrita que não o inicial do diarismo”. Sobre este termo - diarismo -, as escritoras salientam: “talvez por conta de sua associação com os diários de bordo aludidos em seu nome, nos primeiros tempos, eles [os *blogs*] eram principalmente usados como um espaço para escrever sobre si mesmo” (DI LUCCIO; COSTA, 2010, p.136). Nessa linha, Komesu (2005) problematiza sobre a origem dos *blogs*, associando tal conjunto de registros diários às ruínas desse gênero, como se verifica:

A publicização de si tem como objetivo instaurar um **lugar de visibilidade** para o escrevente e suas narrativas pessoais e íntimas, expostas de maneira pública na internet. A concepção de uma publicização de si só é possível, no entanto, mediante a relação dinâmica com uma intimidade construída com o co-enunciador, manifestada, principalmente, na composição de uma *cenografia* e no tratamento de temas que apresentem traços de *ruínas* dos enunciados genéricos dos diários íntimos (KOMESU, 2005, p.203, grifos da autora).

O movimento diacrônico, sobre o qual se refere Komesu (2005), entende a genealogia ligada ao *blog*, como algo que tem início como diário, mas que evolui para outros contornos posteriores, reservando aos seus ancestrais, o estigma da caducidade. A decadência do *blog*, enquanto diário, é reconhecida até por aqueles que propõem o seu retorno. Com esse falar, chega-se, assim, ao foco deste estudo, o *blog* “Volta, Mundo Blogueiro” que, em suas publicações, milita a favor do retorno aos moldes antigos, a uma blogosfera marcada pelo tom intimista. Por trás dos três *posts* que serão examinados, encontram-se Renata e Bruna, respectivamente, uma ilustradora e uma professora, donas dos *blogs* “Mulher Vitrola” e “Outramentos”, nesta ordem, que, em conjunto, decidiram criar um espaço *online* capaz de fazer valer as vozes que conclamam pelo regresso do espírito original dos *blogs*.

Na primeira publicação, em análise, intitulada pelas blogueiras: “Volta, mundo blogueiro! (ou para a nave que eu quero descer!)”, observa-se a crítica realizada pelas autoras,

frente ao universo digital em voga. Neste *post*, Renata e Bruna se posicionam de forma saudosista diante da atual conjuntura traçada na blogosfera. A dupla reivindica, de maneira incisiva, uma direção que aponta para o revés do que se tem seguido, manifestando-se em prol daquilo que acreditam, como se ratifica:

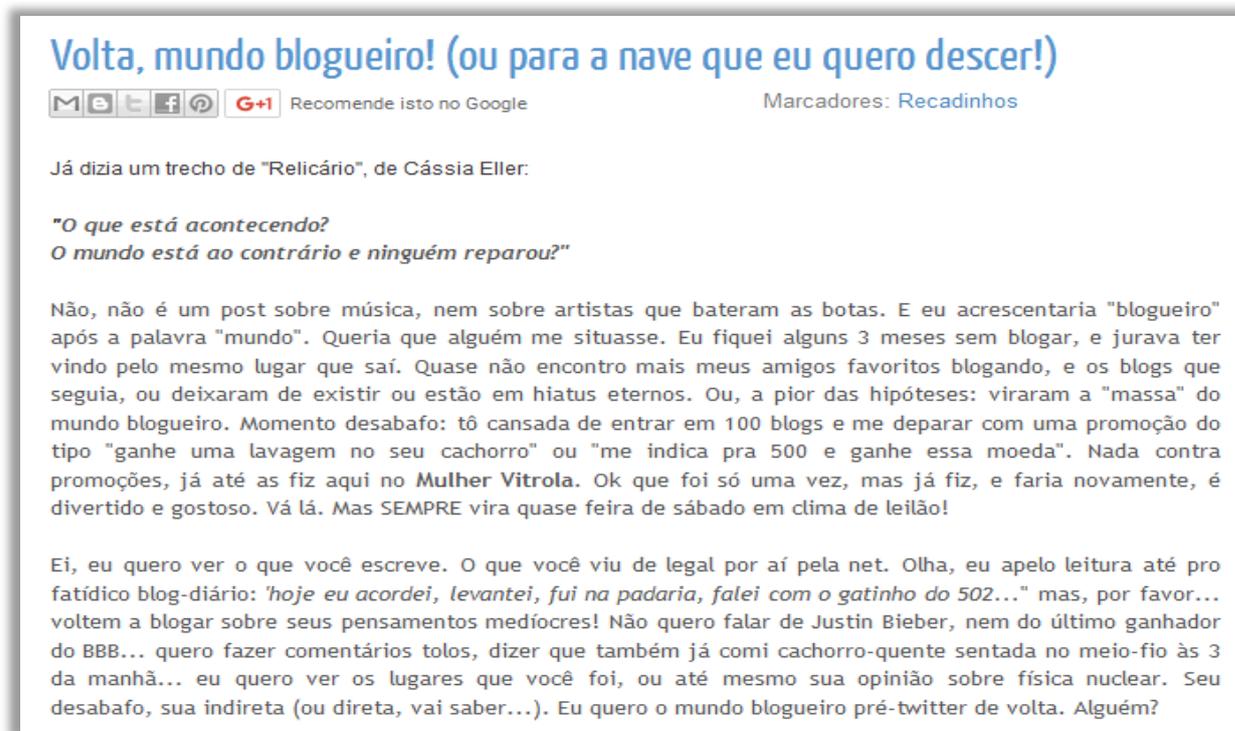


Figura 1: imagem retirada do blog "Volta, Mundo Blogueiro". Fonte: <www.voltamundoblogueiro.blogspot.com.br>.

Diante do *post*, anteriormente exposto, toma-se o falar de Maingueneau (2010, p.40) que assevera: "a proliferação de *blogs* anula, com efeito, uma restrição que não aparece claramente quando o livro ou o manuscrito dominavam: a raridade". Se, no olhar do estudioso francês, os *blogs* nulificam a preciosidade de suas produções, indo em direção a uma esfera homogênea, na mirada de Renata e Bruna, os *blogs* podem e devem fugir dessa "'massa' do mundo blogueiro", como afirmam na publicação. Nesse caminho, as autoras se posicionam na contramão do exposto por Maingueneau (2010), aspirando, portanto, fazerem do seu *blog* um endereço raro. Mas, afinal, o que as motiva a seguirem em direção contrária? Primeiramente, desejam anular, na medida do possível, a lógica consumista que rodeia a blogosfera, na qual falar sobre si mesmo pressupõe um retorno financeiro, de tal forma, que se chega a pensar em um paralelismo entre o contar-se e o vender-se. Essa constatação se dá a partir da frase: "tô cansada de entrar em 100 blogs e me deparar com uma promoção do tipo 'ganhe uma lavagem no seu cachorro' ou 'me indica pra 500 e ganhe essa moeda'". O esgotamento diante das publicações que visam a comercialização de algo se une a um segundo motivo que impulsiona a marcha pela volta do mundo blogueiro: Renata e Bruna anseiam pelo retorno de temas prosaicos, de textos que dizem a respeito de quem os publica, e não que objetivam a venda de produtos atrelados a quem sobre eles escreve.

Na empreitada pela revinda dos *blogs* antigos, as blogueiras apelam até pelo retorno do que elas intitulam como "fatídico blog-diário", forma de origem do gênero em questão que prezava pela proximidade, por que não dizer, pela amizade, entre produtores e leitores de tais textos. Engajadas em tal propósito, Renata e Bruna se valem dos mais diversos instrumentos, na luta pela dinâmica pretérita. Inicialmente, criam o *blog* que traduz, em seu

nome, o lema da manifestação levantada. Em seguida, concebem a *hashtag*: “#voltamundoblogueiro”, e, por fim, voltam, de fato, ao passado, ao fabricarem os *buttons* com os dizeres: “Eu participo!#Volta mundo blogueiro”, como se atesta na imagem a seguir:

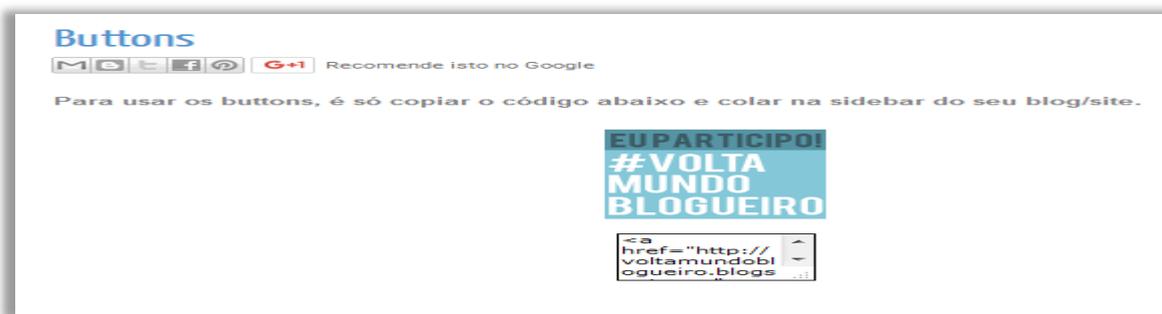


Figura 2: imagem retirada do *blog* “Volta, Mundo Blogueiro”. Fonte: <www.voltamundoblogueiro.blogspot.com.br>.

As consequências de tais ações também são publicadas, no *blog* examinado, que compõe um largo inventário com os nomes de outros *blogs* que apóiam o *button* supracitado, ideia esta corroborada pela terceira publicação, aqui investigada, que seleciona alguns destes:

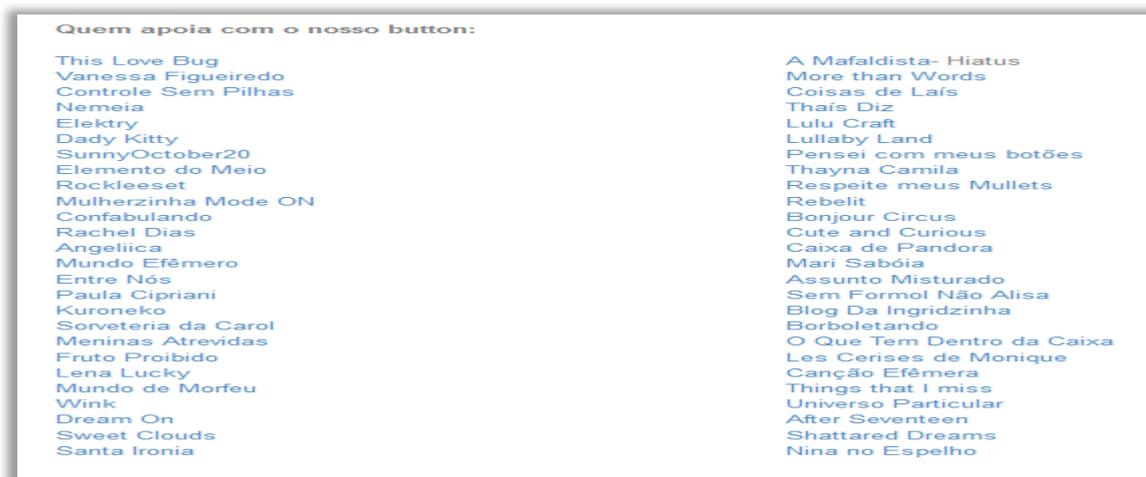


Figura 3: imagem retirada do *blog* “Volta, Mundo Blogueiro”. Fonte: <www.voltamundoblogueiro.blogspot.com.br>.

A extensa lista de seguidores da “marcha” a favor do retorno à blogosfera de origem reitera o desejo coletivo, de internautas diversos, de resistirem perante uma lógica pecuniária que transformou os *blogs* em lojas abertas, nas quais reinam os *advertisements*, abreviados como *ads* e os *publieditoriais*, mídias compradas que, muitas vezes, não apresentam tal rótulo, dificultando a diferenciação entre o que é da ordem do pessoal e o que é da ordem do comercial, da publicidade paga. Nesse contexto, Renata, Bruna e os demais autores que acompanham a manifestação, analisada nestas páginas, parecem atuar como blogueiros de trincheira, que atuam na esfera marginal, enfrentando tendências atuais que, podem até não impor regras, mas que moldam, sem dúvidas, a maneira como se colocar virtualmente, categorizando como ultrapassadas as formas pretéritas de blogar, guardando para estas, o limbo virtual.

CONCLUSÃO

Segundo Komesu (2005, p.237), “certamente, há marcas em comum aos textos do *blog* e do diário íntimo, mas elas emergem na qualidade de *ruínas* dos enunciados do gênero cristalizado para instaurar a *cenografia* de uma intimidade, com funcionamento diverso nos *blogs* (KOMESU, 2005, p.237, grifos da autora). A citação destacada traduz o movimento evolucionista ao qual todo processo discursivo está fadado. Coloca-se como inegável e inevitável a mudança que engendra o circuito linguageiro. A língua se transforma, bem como os usos que dela decorrem. Agarrar-se ao passado, talvez, seja uma atitude ingênua, colocar-se entre ruínas, possivelmente, seja uma ação contraditória, dada à contemporaneidade na qual se instauram os sujeitos do discurso. Contudo, esse paradoxo entre o passado e o presente faz parte da própria cisão que constitui os indivíduos que se comunicam. Esses seres são, por excelência, cindidos, e nada melhor do que o espaço virtual, democrático por natureza, para expor tais fissuras. Assim, as ruínas guardam destroços, mas também, preciosidades, de modo que:

[...] a análise de fragmentos de enunciados genéricos do diário nos *blogs* tem importância na medida em que permite novas perspectivas de leitura sobre o modo de exposição da intimidade no espaço público atual. A consideração das descontinuidades é o que possibilita discutir os *efeitos de poder* que fundam as relações sociais e, conseqüentemente, as noções socialmente partilhadas com o outro, referentes, sobretudo, ao público, ao privado e ao íntimo (KOMESU, 2005, p.33, grifos da autora).

Desse modo, ressoam, aqui, as palavras de Komesu (2005), estudiosa que inaugura e encerra este artigo, precisamente por antever a importância da descontinuidade, seja ela em direção ao futuro ou, como se viu, neste trabalho, rumo ao passado.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- DI LUCCIO, Flávia; COSTA, Ana Maria Nicolaci da. *Blogs: de diários pessoais a comunidades virtuais de escritores /leitores*. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v.30, n.1, p.132-145, 2010.
- KOMESU, Fabiana Cristina. *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet*. 2005. 269f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2005.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. Sírio Possenti e Cecília Pérez de Souza-e-Silva (Orgs). São Paulo: Parábola, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz. Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.
- VOLTA MUNDO BLOGUEIRO (*Blog* analisado no corpo do artigo). Disponível em: <www.voltamundoblogueiro.blogspot.com.br>. Acessado em: 09 de maio de 2016.